

Música & criatividade: transdisciplinaridade e transversalidades no debate sobre drogas com discentes da educação a distância

Music & creativity: transdisciplinarity and transversalities in the drug debate with distance learning students

Rosana Lima Gerpe

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Química (PEQui), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

rosanagerpe@gmail.com

Francisco José Figueiredo Coelho

Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (Seeduc)

educacaosobredrogas@gmail.com

Priscila Tamiasso Martinhon

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Química (PEQui), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

pris-martinhon@hotmail.com

Célia Sousa

Coordenadora do Curso de Licenciatura em Química, na modalidade EaD - Cederj

sousa@iq.ufrj.br

Resumo. Em relação ao consumo de drogas, estudos apontam para uma iniciação precoce entre os jovens, resultado de diferentes estímulos, desde o fácil acesso a dificuldade de espaços de diálogo sobre o tema. Diante disso, reconhecemos a relevância das discussões sobre os diversos fatores envolvidos no uso de drogas diversas. Falar de drogas não é algo fácil. A universidade tem potencial para criar espaços de diálogo e aprendizagem sobre as motivações e implicações do uso dessas substâncias. Nessa aposta, acreditamos no potencial da arte - em especial a música - como estratégia de ensino para iniciar ou complementar debates sobre diferentes drogas na sociedade, estimulando novos olhares e posicionamentos juvenis que corroboram com um processo preventivo mais dialógico e democrático. No contexto das ferramentas artísticas, este estudo discute o uso da música “Quinta-feira”, do compositor Chorão, do grupo Charlie Brown, como estratégia educativa promotora de debates mais dialógicos sobre as drogas. Esse evento ocorreu numa

comunicação oral da VI Semana acadêmica e II Semana de Ciências da Natureza entre alunos do curso EaD do Consórcio CEDERJ, polo Nova Iguaçu no ano de 2017. O que foi observado na breve discussão com os participantes foi que a música traduz um caminho favorável para potencializar debates abertos, críticos e participativos sobre o tema drogas nos espaços acadêmicos.

Palavras-chave: Drogas. Educação sobre drogas. Educação à distância. Música no ensino. Ensino de química.

***Abstract.** In relation to drug use, studies point to an early initiation among young people, the result of different stimuli, from easy access to the difficulty of spaces for dialogue on the topic. Therefore, we recognize the relevance of the discussions about the different factors involved in the use of different drugs. Talking about drugs is not easy. The university has the potential to create spaces for dialogue and learning about the motivations and implications of using these substances. In this bet, we believe in the potential of art - especially music - as a teaching strategy to initiate or complement debates on different drugs in society, stimulating new views and youth positions that corroborate a more dialogical and democratic preventive process. In the context of artistic tools, this study discusses the use of the song "Thursday", by the composer Chorão, of the Charlie Brown group, as an educational strategy that promotes more dialogical debates about drugs. This event took place in an oral communication of the VI Academic Week and II Week of Natural Sciences among students of the distance learning course of the CEDERJ Consortium, for Nova Iguaçu in 2017. What was observed in the brief discussion with the participants was that the music is seen by students as a potential tool to foster open, critical and participatory debates in classrooms.*

Keywords: Drugs. Drug education. Distance education. Music in teaching. Chemistry teaching.

Recebido: 01/10/2017 Aceito: 27/10/2017 Publicado: 05/11/2017

1. Introdução

Cada vez mais cedo os jovens têm contato com diferentes substâncias, dentro ou fora de suas casas. A facilidade de acesso e o consumo de diferentes tipos de drogas configuram ações que podem acontecer na porta das escolas, no seio de suas famílias e nos demais contextos de sociabilidade. Alia-se a isso as influências digitais (whatsapp, facebook etc), tais como propagandas da mídia televisiva com a veiculação dos benefícios dos energéticos, bebidas alcoólicas e afins.

Como apontado por Coelho (2017), pesquisas realizadas pelo IBGE indicam que algumas substâncias, psicoativas ou não, têm sido experimentadas pelos jovens brasileiros. À título de exemplo, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada em 2015, aponta que parte dos estudantes da Educação básica já usaram drogas ilícitas alguma vez

na vida. Nesse estudo em particular, o consumo de maconha foi identificado em 46,1% dos jovens estudados. Sem falar do consumo do álcool, produto psicoativo mais consumido entre o público da pesquisa (BRASIL, 2016). Isso contudo, não nos revela nenhuma novidade, dado que registros de consumo recreativo de maconha e álcool circulam livremente pelas redes sociais, tanto por estudantes da educação básica quanto universitários.

Para Coelho e Monteiro (2017), em geral os debates sobre drogas costumam a ter um teor proibicionista e descritivo. Ou seja, se preocupam mais em dizer o que é certo ou errado à propriamente conhecer o contexto dos estudantes e o que pensam a respeito. Não há como intervir sem conhecer o cenário onde as pessoas estão inseridas. Pensar em uma história atual sem o contato com as drogas é algo utópico. Enfatizar discursos alarmistas e de proibição não sensibilizam. Do contrário, ampliam estigmas e julgamentos imprecisos que segregam cada vez mais as pessoas. Por isso pensar em formas de “reduzir” os danos são prioritárias (COELHO, MONTEIRO, 2017).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sobre Saúde (BRASIL, 1998) foram um marco para se pensar uma Educação mais democrática e participativa ao longo das últimas décadas. Explorando formas concretas e cotidianas de conversar sobre o tema drogas nas escolas, os PCN estimulam situações que façam sentido para o estudante, associando valores éticos, sociais e culturais de forma dinâmica e não estruturado na política de guerra às drogas. Por isso, acreditamos que o documento se aproxime da proposta pedagógica de Redução de Danos (RD), em que diferentes questões biopsicossociais são consideradas e não a droga em seu contexto isolado (COELHO; MONTEIRO, 2017).

No caminho do reconhecimento de situações cotidianas que veiculam o consumo de drogas, amparando-se na perspectiva de RD, encontramos diferentes materiais midiáticos facilitadores para que os professores construam espaços de debates transversais e estimulem o senso crítico dos estudantes. Uma dessas ferramentas é a música. Embora ela não seja propriamente uma ferramenta educativa, pode ser utilizada com tal fim. A música é uma ferramenta de fácil acesso e bastante apreciada pela juventude. Esse resgate do canal musical pode aproximar os jovens e inseri-los no debate sobre o tema drogas, oferecendo situações de aprendizagem que envolvam dimensões éticas, ambientais e culturais.

Barros e colaboradores (2013), apontam que o uso das músicas e suas letras pode estreitar o diálogo entre discentes, docentes e o conhecimento científico, uma vez que abordam temáticas com grande potencial de problematização que estão presentes de forma significativa na vida do aluno. Nesse sentido, o tema drogas podem ser beneficiado por essa estratégia. Os atuais debates sobre a formação de professores na formação inicial englobam e estimulam práticas mais participativas, orientando que o professor se aproprie dessas ferramentas gratuitas da internet, algo que não era possível há décadas atrás.

Atualmente, assim entendemos, os cursos de formação de professores sofreram notáveis modificações. Passaram a integrar mais propostas interdisciplinares e a estimular a conexão com outros saberes, sobretudo no âmbito das formações a distâncias, conhecidas como EaD (Educação a Distância).

No âmbito da EaD, em especial na formação de professores, há um esforço constante para adaptá-la à realidade dos jovens estudantes, sendo cada vez mais disseminada (ALMEIDA et al., 2012; OLIVEIRA, 2014). Cabe considerar que, atualmente, as formações a distância são exclusivamente on-line, o que permite que os estudantes dessa modalidade experimentem as constantes inovações tecnológicas, sendo incluídos

digitalmente e passando a perceber como os recursos oferecidos na internet podem se converter em materiais pedagógicos de baixo custo.

Essas questões de inclusão digital e do potencial da EaD na formação de professores foi claramente pontuada por Coelho e Monteiro (2017), ao considerar como as formações não presenciais sobre drogas são caminhos alternativos que podem promover exercícios de reflexão importantes para a prática docente. Nessa linha, os autores enxergam a EaD e as formações preventivo-educativas sobre drogas como algo viável tanto para a formação continuada como para a inicial de professores, estimulando o uso de diferentes acervos e mídias oferecidas pela internet.

Tendo em vista o cenário da EaD acima mencionado e as possibilidades da música enquanto ferramenta preventivo-educativa, é possível pensarmos as discussões sobre drogas nos espaços da universidade ainda que a distância. A universidade tem potencial para criar espaços de diálogo e aprendizagem sobre as motivações e implicações do uso dessa substância. Em face ao oferecimento destes espaços de discussão, acreditamos no potencial da arte - em especial no uso das músicas e suas letras - como estratégia de ensino para iniciar ou complementar debates sobre diferentes drogas na sociedade, estimulando novos olhares e posicionamentos juvenis que corroboram com um processo preventivo mais dialógico e democrático. (COELHO; MONTEIRO, 2017).

Partindo dessas premissas, pensar a música no cenário da formação inicial de professores e no contexto da Educação sobre Drogas centrada na RD, pode ser ao mesmo tempo uma forma de oportunizar reflexões acerca não apenas das situações que envolvem o consumo de drogas, como das ferramentas educativas que podem ser usadas para tal fim. Nesse caminho, esse artigo descreve uma ação educativa-preventiva com o uso de uma música de Hip-Hop, realizada com alunos de licenciatura em pedagogia e turismo da modalidade EaD, no ano de 2017 durante a VI Semana Acadêmica e a II Semana de Ciências da Natureza do Polo CEDERJ/Nova Iguaçu.

2. Metodologia

Partindo dos pressupostos descritos na introdução, buscamos oferecer aos alunos de licenciatura do pólo CEDERJ de Nova Iguaçu, um momento de reflexão e debates com a intenção de provocar novos olhares sobre o consumo de drogas a partir do uso da música popular brasileira como ferramenta preventivo-educativa.

O público da atividade foram 26 discentes da EaD dos cursos de licenciatura em pedagogia e turismo e 2 professores mediadores (anteriormente chamados de tutores) do curso de pedagogia. A atividade aconteceu durante a VI Semana Acadêmica concomitante com a II Semana de Ciências da Natureza do polo CEDERJ/Nova Iguaçu.

Com o intuito de conhecer diferentes visões acerca do consumo de drogas e explorar, de forma interativa, o que os estudantes pensavam a respeito, a atividade foi estruturada em duas etapas, a saber:

(1) Etapa de acolhimento inicial e audição - Dispostos em círculo, os participantes tiveram acesso à letra e a música “Quinta-feira,” composta pelo compositor Chorão, do grupo Charlie Brown Jr. A intenção com a escolha da música foi utilizar uma canção mais

divulgada na mídia radiofônica. Assim, pensamos, parte deles já teria conhecido a melodia. A atividade durou cerca de 15 minutos.

(2) Etapa de reflexões acerca da música –

Ao longo de 15 minutos, foram feitas algumas indagações pela mediadora da atividade, a primeira autora desse artigo, partindo das seguintes questões norteadoras:

- Será que toda pessoa que experimenta um tipo de droga acaba tendo um uso problemático, ou seja, cai num uso abusivo?
- Como você enxerga os trabalhos de prevenção sobre drogas realizadas nas escolas? Eles estão mais preocupados em proibir e punir ou em esclarecer para formar jovens democráticos?
- Você enxerga alguma relação entre o aumento da violência em nosso estado e o consumo das drogas?

3. Com a palavra os licenciandos da EaD

A partir das questões acima mencionadas, foi possível identificar três pensamentos a relatar:

No que tange a primeira questão (será que toda pessoa que experimenta um tipo de droga acaba tendo um uso problemático, ou seja, cai num uso abusivo?), um panorama geral do grupo revelou que foi unânime que há pessoas que não consigam parar de consumir a droga, porque o organismo acostumou-se com a substância. Ao longo das comunicações, a ideia de síndrome da abstinência foi bastante comentada. Parcela do grupo reconheceu que diferentes substâncias lícitas circulam em nossa sociedade (cigarro, álcool, café, etc.), mas apontaram preocupações com uma possível legalização de substâncias ilícitas, como a maconha. Para alguns, se a droga fosse legalizada, teríamos sérios problemas para fiscalizar o uso.

Uma preocupação frequente nos depoimentos, foi acerca dos motivos que levam um jovem a se apropriar de substâncias psicoativas, mesmo que ambos tenham orientação e acompanhamento desde cedo sobre este assunto. Vários fatores, como por exemplo, aceitação em grupo social, influência familiar, diversão etc., estão envolvidos neste processo e não se sabe se existe um fator mais importante que o outro. O que se sabe é que o trabalho preventivo é mais eficiente. Uma aluna de pedagogia, voluntária em uma igreja com reforço escolar, relatou que família estruturada pode minimizar as características negativas ou aperfeiçoar as potencialidades de cada indivíduo; em contrapartida, as desestruturadas podem levar a problemas sérios, principalmente na adolescência, onde o jovem é muito influenciado pelo grupo social. O tutor do curso de Pedagogia alegou que não existe família estruturada, todas as famílias possuem diversos problemas, o importante é conversar e a prevenção. Uma aluna de Turismo descreveu seu encontro com quatro jovens no Rock in Rio, que utilizavam “bala” para curtir a noite, quando a mesma os interpelou sobre o porquê deles usarem drogas, alegaram que “de cara limpa” não tinha graça se divertirem. Todos concordaram quanto aos diversos motivos que levam o adolescente ao uso da droga e como exemplo usou a novela da

Glória Perez, a força do querer, que o filho pede uma bola ao pai por mais de uma semana e o mesmo não lhe dá atenção, os discentes alegaram que um dos maiores motivos dos adolescentes terem o contato com as drogas, é a solidão.

Neste sentido se faz necessário um fortalecimento no vínculo com pessoas que fazem uso de substâncias para, desta maneira, estimular o autocuidado e a reflexão sobre o uso de drogas, além de prevenir a transmissão de doenças.

Em relação às questões (Como você enxerga os trabalhos de prevenção sobre drogas realizados nas escolas? Eles estão mais preocupados em proibir e punir ou em esclarecer para formar jovens?)

Quanto ao trabalho de prevenção, alguns discentes relataram conhecer o programa PROERD, e alegaram que não concordam com a abordagem que os voluntários apresentam com os adolescentes, pois é mais de punição e proibitiva, do que preventiva. Foram unânimes quanto a necessidade de programas de prevenção esclarecedores. O PROERD, é um programa desenvolvido pela Polícia Militar que auxilia as escolas com o trabalho de prevenção às drogas e a violência.

Vale ressaltar que o PROERD é um programa patenteado do Estado Unidos da América - EUA, nomeado D.A.R.E – Drugs Abuse Resistance Education, e que o material fornecido é padrão em língua inglesa e que depois as redigem para o português, mas que nenhuma alteração pode ser feita sem previa autorização do programa de origem. No Brasil teve seu início em 1992, em Mato Grosso.

Uma aluna de pedagogia fez a seguinte relação o porquê de um policial trabalhar tal temática dentro das escolas e não um professor ou alguém da área da educação; acredita-se que a escola e/ou professores preferem que sejam os policiais, creem que eles têm mais “bagagem” sobre o assunto, que saberiam explicar melhor e tirar as dúvidas dos alunos. Acreditam que independentemente de ser pedagogo ou qualquer outro profissional da educação, eles têm possuem mais facilidade com o assunto, já que é algo rotineiro dos policiais.

O que nos faz refletir: “Droga diz respeito a propriedade da polícia”. Sendo assim, se faz necessários novas perspectivas pedagógicas quanto à especificidade da droga na escola, desmistificando a concepção de que essa temática consiste em ato de criminalidade: um assunto de polícia. Os professores muitas das vezes não se envolvem nas discussões, afirmando sua falta de capacitação em orientar os diálogos.

Acreditamos que a escola e os profissionais que estão inseridos neste espaço, mesmo apresentando algumas dificuldades em debater tal assunto em relação à prevenção e ao consumo de drogas, apresenta melhores condições de desenvolver uma abordagem mais pedagógica e apropriado para orientar o diálogo de uma forma não punitiva, deixando assim o aluno mais à vontade para esclarecer suas dúvidas, medos e receios.

Sobre a última questão (Você enxerga alguma relação entre o aumento da violência em nosso, estado e o consumo das drogas?), foi percebido que a maior parte acordava que o comércio e a distribuição das drogas existem para servir a uma necessidade de mercado,

buscando suprir a demanda de consumo dos seus usuários. Estes consumidores específicos, chamados de usuários, movimentam um mercado cada vez mais crescente. Nessa vertente, o tráfico de drogas aponta para lucros, proveniente desse comércio. O tráfico de drogas, segundo parte dos estudantes, fortaleceu os sistemas de controle social, enraizou seu caráter genocida. O número de mortos na ‘guerra do tráfico’ está em todos os lugares e todas as classes sociais. A maioria dos casos de assassinatos estão relacionados a crimes como roubos, uso de drogas, homicídios, furtos e lesão corporal o que leva a um aumento na violência urbana. A violência policial também é imediatamente autenticada se a vítima é um suposto traficante. Logo, o mercado de drogas ilícitas propiciou uma concentração de investimentos no sistema penal, uma concentração dos lucros decorrentes do tráfico e, principalmente, ações contra as classes sociais vulneráveis: sejam eles jovens negros e pobres das favelas do Rio de Janeiro.

Em virtude dos problemas de violência que encontramos na nossa sociedade e relacioná-la ao consumo de drogas, muitas das vezes seja dificultada pela falta de estabelecermos um diálogo nas instituições escolares, a droga é um problema social, que não diz respeito apenas ao usuário e a sua família e sim um entrelace da sociedade, que envolve desde o traficante até o usuário, perpassando pelos furtos, roubos, status e família.

5. Considerações finais

Essa apresentação oral, apesar de seu curto tempo de exposição, nos auxiliou no mapeamento das representações dos alunos da EaD no que tange o tema drogas, usando a música para desenvolver um debate, desmistificando o assunto e corroborando para a criticidade desses futuros docentes. Assim, essa estratégia pode ser adequada para estimular o exercício do diálogo em equipe com os futuros alunos, desenvolvendo a autonomia e o senso crítico entre os discentes.

Enquanto a primeira autora lia a letra da música, observei que os alunos mesmo conhecendo a música, não tinham feito uma analogia da letra com o tema drogas, após essa referência eles perceberam o uso da arte (música) como um instrumento de iniciação para o debate, até mesmo para desmistificar o mito que gera na letra da música “parece inofensiva, mas te dominou”, onde perceberam que nem todas as drogas são inofensivas e muito menos te dominam. Nesse viés, essa experiência pode ser favorável, podendo entender que a arte - neste caso a música - utilizada como estratégia, pode promover espaços para o debate entre docentes e discentes. Vale ressaltar que se o debate se não for bem planejado, organizado e mediado pelo professor, apresentará danos ao senso crítico, aos mitos e até mesmo prejudicar o jovem que não obteve um esclarecimento e uma abordagem científica correta. O debate sobre drogas permite uma educação preventiva pautada no diálogo e na aprendizagem científica de valores e atitudes acerca do uso abusivo de substâncias e menos centrada nas políticas que exclusivamente proíbem e punem.

A música pode favorecer momentos de reflexão e análise acerca de questões sociais cotidianas. Por refletir uma realidade social, pode ser adotada como ferramenta de cunho



pedagógico nos cursos de licenciatura e em outros cursos das Ciências humanas e sociais. A proposta aqui apresentada nesse artigo consolida a música como ferramenta e seu uso como uma estratégia importante de facilitação de debates que envolvam temáticas sociais polêmicas e essenciais como o consumo de drogas pela sociedade.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais terceiros e quarto ciclos do ensino fundamental: Saúde. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

COELHO, F. J. F.; MONTEIRO, S. Educação sobre Drogas: Possibilidades da EaD na Formação Continuada de Professores. EaD em FOCO, [S.l.], v. 7, n. 2, set. 2017. ISSN 2177-8310. Disponível em: <http://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/577>. Acesso em: 22 set. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.18264/eadf.v7i2.577>.

COELHO, F. J. F. Entre o lícito e o interdito: Relatando uma aula de Ciências a partir da letra da música Cachimbo da Paz. In: IV Encontro Regional de Ensino de Biologia da 4ª Regional. Minas Gerais, 2017. Anais... Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1RAVW4qxd-pKN2doy0zzWOcAxm8NAZqDK/view>